

Dos Homens e suas Ideias

Estudos sobre as *Vidas*
de Diógenes Laércio

Delfim Leão, Gabriele Cornelli
& Miriam C. Peixoto (coords.)

**A ORGANIZAÇÃO TETRALÓGICA DO *CORPUS PLATONICUM*
(3.56-62): UMA REVISÃO DO PROBLEMA
(The tetralogical organization of the *corpus Platonicum* (3.56-
62): a revision)**

RODOLFO LOPES

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

RESUMO: Em 3.56-62, Diógenes Laércio dispõe os 36 textos de Platão em nove tetralogias, consignando a cada um deles uma categoria de classificação teórica e um duplo título. A autoria de tal modelo distributivo é atribuída a Trasilo, um platonista do virar da Era contratado por Tibério como astrólogo. Convencionalmente, e sobretudo graças a esta passagem de Diógenes, esta organização do *corpus Platonicum* acabou por tornar-se canónica, como bem demonstram as diversas edições modernas que ainda a seguem. No entanto, uma breve análise ao texto demonstra que tanto esta forma de organizar os diálogos, como a sua autoria levantam questões ainda hoje por esclarecer.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, Trasilo, tetralogias

ABSTRACT: In 3.56-62, Diogenes Laertius arranges Plato's texts in nine tetralogies and attaches to each one of them a classification category and a double title. The author of such distributive model is said to be Thrasyllus, a platonist from the beginnings of our Era that Tiberius hired as astrologer. Conventionally, and mainly thanks to Diogenes' text, this ordering system became canonical (several modern editions still adopt it). Yet, a brief analysis shows that both this method and its authorship still raise questions that demand an answer.

KEY-WORDS: Plato, Thrasyllus, tetralogies

Tradicionalmente, a obra de Platão costuma ser organizada em nove grupos de quatro diálogos¹ cada um. Este modelo de distribuição tetralógica é comumente tido por convencional e até mesmo canónico; estatuto germinado logo na tradição manuscrita² e que ainda hoje se mantém na edição de referência (Burnet 1900-1907)³. Esta forma de organizar o *corpus* aparece

¹ Utilizo a designação genérica de 'diálogo', ainda que com a consciência de que nem todos os textos do *corpus* são exactamente desta natureza. Por exemplo, a *Apologia de Sócrates* (primeiro grupo) é, em rigor, um monólogo; ou o caso das *Cartas* (último grupo), que, independentemente de todas as dúvidas de autenticidade, continuam a ser incluídas nesta distribuição.

² Há algumas divergências. Por exemplo, a família W segue apenas as primeiras quatro tetralogias de Trasilo, adoptando nos restantes casos uma ordenação própria (vide Philip 1970 297). Para uma relação exacta e detalhada das variações do esquema tetralógico na tradução manuscrita, vide Alline 1915 112-124.

³ À excepção do último tomo (V), que colige as *Definições* e um grupo de opúsculos assumidamente espúrios; como, aliás, bem demonstra o título dessa colectânea: Πλάτωνος νοθευόμενοι.

já consolidada no texto de Diógenes Laércio; disso não parece haver qualquer dúvida. Mas como chegou ela a este autor; quem foi o seu criador; e, sobretudo, qual é a sua legitimidade sobre todos os outros modelos possíveis? São estas as questões aqui em análise.

Note-se porém que, além deste modelo, o testemunho de Diógenes dá conta de um outro 'alternativo', que organiza o *corpus* em grupos de três diálogos. Sem entrar, por enquanto, em grandes detalhes sobre este aspecto, tenhamos apenas em conta que estas duas modalidades, a tetralógica e a trilógica, são as únicas de que Diógenes dá conta⁴; sendo que a primeira (que se tornou canónica) é atribuída a Trasilo, personagem que exige uma explicação mais alongada, e a segunda a Aristófanos de Bizâncio, um dos primeiros 'filólogos' da Alexandria Helenística.

Cumpram também ter em conta outros dois constructos teóricos, os quais, segundo faz crer o texto de Diógenes, seriam complementares a esta distribuição tetralógica. Trata-se da redução do conjunto dos diálogos a um esquema de categorias teóricas inferidas como subgéneros do próprio conceito de diálogo, por um lado; e, por outro, do também famoso subtítulo temático de cada texto.

Considerando a estrutura geral do Livro III, a passagem em análise (56-62) pode ser entendida como um subcapítulo da secção dedicada aos aspectos mais formais dos escritos de Platão (48-66), a qual se inscreve no segundo grande bloco temático: os aspectos doutrinários⁵ (48-109). Como é próprio da obra de Diógenes, a primeira parte incide sobre a vida de cada filósofo, enquanto que a segunda é dedicada às doutrinas. O Livro III também segue essa lógica, mas com uma ligeira variante: uma dedicatória (47) endereçada a uma misteriosa figura feminina (vide Brisson 1992 3696-3697 esp. n. 367), aposta entre a secção biográfica (1-47) e a doutrinária (48-109).

Além de Diógenes Laércio, também outros autores abordaram o problema da divisão do *corpus Platonicum*. Os mais importantes, pela profundidade na análise e até pela extensão dos próprios textos, são Albino, Olimpiodoro (*in Alc.* 11-13) e o autor anónimo dos *Prolegomena*⁶ (13-27). Parece lógico tomar por fonte complementar apenas o primeiro, já que estes dois, bastante mais tardios, não acrescentam nenhum dado importante que não esteja já contido nos anteriores. Cumpre ainda referir uma obra entretanto perdida que Téon de Esmirna terá redigido sobre os aspectos formais dos diálogos e a sua ordem

⁴ Para uma visão geral das várias divisões e classificações do *corpus*, vide Chroust 1965 39-40; Göransson 1995 81-84.

⁵ Para uma proposta de esquematização detalhada do Livro III, vide Brisson 1992 3619-3620.

⁶ Durante muitos séculos atribuídos a Olimpiodoro, os *Prolegomena philosophiae Platonicae* serão provavelmente da autoria de Elias, um dos seus discípulos (apud Westerink 1962 L).

de leitura mais apropriada. A partir de alguns testemunhos de comentadores árabes que tiveram acesso ao texto, é possível inferir que a organização tetralógica fora também por ele abordada, mas o texto não permite grandes conclusões (vide Dunn 74-75 n. 10).

Albino foi autor de dois tratados dedicados a Platão: o chamado *Didaskalikos*⁷, em que resume os conteúdos doutrinários fundamentais; e a *Eisagoge*⁸, dedicada aos aspectos formais dos diálogos, onde este problema é abordado. As semelhanças com a passagem de Diógenes são evidentes: o início apresenta uma definição de diálogo praticamente idêntica (D.L. 3.48; cf. Alb. *Intr.* 1); não só seguem ambos o método da diérese para estabelecer as categorias, como também chegam sensivelmente aos mesmos resultados (D.L. 3.49-50; cf. Alb. *Intr.* 3)⁹; e, além de tudo isto, também Albino refere a ordenação de Trasilo, com a qual diz não concordar por seguir um critério dramático nada útil para fins pedagógicos (*Intr.* 4)¹⁰.

Ainda que Diógenes explicita em primeiro lugar (e com bastante mais detalhe) a divisão tetralógica, atribui a trilogia a Aristófanos de Bizâncio, autor bastante mais recuado; fazendo por isso supor que foi esta a primeira das modalidades a ser ensaiada. As trilogias resultantes estão ordenadas do seguinte modo:

- (1) *República, Timeu, Crítias*;
- (2) *Sofista, Político, Crátilo*;
- (3) *Leis, Minos, Epínomis*;
- (4) *Teeteto, Êutifron, Apologia*;
- (5) *Crítion, Fédon, Cartas*.

O primeiro aspecto que salta à vista é a incompletude da lista; aliás, justificada pelo próprio Diógenes: Aristófanos “terá arrumado os outros

⁷ Até ao século XIX, o *Didaskalikos* esteve erradamente associado ao nome ‘Alcínoo’ (de quem não existe qualquer registo) graças a uma corrupção textual num manuscrito. Actualmente, a atribuição de autoria a Albino é suficientemente segura (vide Dillon 1996 268-272).

⁸ Segundo Göransson (1995 49-52), consiste no registo escrito de uma conferência proferida por Gaio posteriormente inserido pelos copistas nos manuscritos. Este mesmo autor refere (51) que o próprio título se deve a uma corrupção textual: a expressão εἰσαγωγή εἰς τοὺς Πλάτωνος διαλόγους (o *incipit*) será um acrescento posterior motivado pela posição e função introdutórias deste texto no códice. A forma correcta será *Prologos* (Ἀλβίνου πρόλογος); mas, visto que a tradição consagrou já a versão *Eisagoge*, será esta que seguirei para referir este tratado.

⁹ Há apenas uma divergência: a categoria ἐνδεικτικός de Diógenes é substituída por ἐλεγκτικός em Albino. No entanto, tudo aponta para que se trate de uma corrupção textual, pelo que a lista será idêntica em ambos os autores (apud Göransson 1995 98-99).

¹⁰ Há ainda ligeiras diferenças na distribuição dos diálogos pelas categorias e também algumas omissões a registar em Albino; para um desenvolvimento detalhado desta questão, vide Dörrie 1990 513-520; Göransson 1995 88-96; Tarrant 1993 43-45.

individualmente sem qualquer ordenação” (3.62). O facto dever-se-á seguramente ao critério mais pinacográfico do que editorial pelo qual se guiavam as investigações dos ‘filólogos’ do helenismo.

Além disso, só a primeira e a terceira trilógias têm alguma coerência interna: narrativa no caso de (1) *República*, *Timeu*, *Crítias*; temática em (3) *Leis*, *Minos*, *Epínomis*. E note-se, aliás, que muito provavelmente essa coerência será apenas aparente. No caso da primeira, a continuidade narrativa entre a *República* e os outros dois, além de contestável, chega a ser forçada. Quanto à terceira, o problema é de autenticidade: *Minos* e *Epínomis* são ambos seguramente espúrios.

Ainda que o texto não especifique, é possível reconstituir nove modelos trilógicos alternativos a partir de outros tantos *incipites* dessas hipotéticas listas apontados por Diógenes:

- (1) *República*;
- (2) *Alcíbiades Maior*;
- (3) *Teages*;
- (4) *Éutifron*;
- (5) *Clitofonte*;
- (6) *Timeu*;
- (7) *Fedro*;
- (8) *Teeteto*;
- (9) *Apologia*.

Para estas oscilações, Philip (1970 301) fornece uma explicação bastante plausível: as nove modalidades são evidências de uma didactização do platonismo, sendo que cada *incipit* representa uma forma diferente de introduzir o pensamento do Mestre. Adianta ainda que estas tentativas são variações bastante tardias a um modelo canónico pré-existente estabelecido ainda na Academia.

Até ao século III a.C, estas antologias não continham ainda textos filosóficos em prosa e só com Calímaco começam a ser incluídos autores como Demócrito e ‘Hipócrates’ (isto é, os *Tratados Hipocráticos*), mas não ainda Platão. Não é que fosse desconhecido nos primeiros séculos do helenismo: o próprio Calímaco, segundo atesta Proclo, tê-lo-á acusado de incompetência para julgar os poetas (*in Ti.* 1.90.25-26); e o mesmo Proclo atribui a Eratóstenes uma interpretação de um passo do *Timeu* (*in Ti.* 2.152.24-27). No entanto, os seus textos eram maioritariamente usados como repositório de citações de Homero.

Embora haja alguns autores que supõem uma secção sobre filósofos, do pouco que nos chegou da monumental obra de Calímaco não é possível inferir essa tese. Por exemplo, Witty (1958 134), com base em dois fragmentos atribuídos a Calímaco (438 e 442 Pfeiffer), defende a inclusão de nomes

como Xenófanes, Empédocles, Parménides ou Pitágoras. A hipótese é infundamentada, posto que esses textos apenas dão conta de alguns dados biográficos irrelevantes (438 Pfeiffer) e das dúvidas de autenticidade de um poema atribuído a Parménides (442 Pfeiffer = 28A1.23 DK = D.L. 9.23; cf. 28A40a DK = Aët. 2.15.4/D.L. 8.14.4-5).

Tendo em conta os dados disponíveis, o primeiro registo que engloba prosadores de todos os quadrantes em geral (historiadores, oradores, gramáticos, médicos e filósofos) é justamente o de Aristófanes e Aristarco (cf. Steffen 1876 8-10). O propósito antológico será, pois, uma razão provável para a parcialidade da lista (cf. Pasquali 1952 264). Há, de facto, quem defenda que tal inovação se deveu a Aristófanes (e.g. Jachmann 1942 334); porém Diógenes refere “alguns dentre os quais o gramático Aristófanes” (3.61), do que apenas se conclui que este será um dos (vários) nomes.

Entre 3.56-61, Diógenes lista os diálogos platónicos (incluindo alguns dos que já nesse tempo eram considerados espúrios¹¹) organizados em nove tetralogias, classificados por caracteres¹² e acompanhados de um duplo título¹³, salvo algumas excepções¹⁴. As afinidades estão limitadas ao primeiro grupo, que partilham um tema comum: o processo de Sócrates¹⁵:

(1) *Êutifron* ou *Sobre a piedade* (peirástico)¹⁶

Apologia de Sócrates (ético)

Crítón ou *Sobre o dever* (ético)

Fédon ou *Sobre a alma* (ético)

(2) *Crátilo* ou *Sobre a correcção das palavras* (lógico)

¹¹ No texto de Diógenes já muitos diálogos são “assumidamente espúrios” (3.62: νοθεύονται ὁμολογουμένως). São eles os seguintes: *Mídon* ou *Criador de Cavalos*, *Erixias* ou *Erasítrato*, *Alcíone*, *Acéfalos*, *Sísifo*, *Axióco*, *Feaces*, *Demódoco*, *Quélidon*, *Sétimo* e *Epiménides*. Sobre as várias questões que levantam estes títulos, vide Chroust 1965 38.

¹² Isto é, as já referidas categorias teóricas obtidas por diérese (vide infra, p. 133).

¹³ 3.58. O primeiro deriva do nome (ἀπὸ τοῦ ὀνόματος) do interlocutor principal; e o segundo do assunto (ἀπὸ τοῦ πράγματος). Por exemplo, *Laques* ou *Sobre a Coragem*.

¹⁴ A tipologia dos subtítulos obedece a uma certa regularidade: especificam o assunto através da construção clássica ‘περί com genitivo’ (e.g. *Fédon* ou *Sobre a alma*). Porém, há algumas divergências que não se esgotam na sintaxe: *Epitáfio* (*Menéxeno*) vincula o texto a um subgénero específico; *Erístico* (*Eutídemo*) e *Protréptico* (*Clitofonte*) seguem o paradigma da categoria teórica; *Sofistas* (*Protágoras*) designa os visados pelo e no diálogo; a *Epínomis* tem dois subtítulos (*Assembleia nocturna* ou *Filósofo*); a *Apologia de Sócrates* e as *Cartas* não têm nenhum; *Amantes* e *Teages* partilham o mesmo (*Sobre a filosofia*). Note-se ainda que alguns dos textos já nessa altura tidos por espúrios contavam também com um subtítulo temático.

¹⁵ Note-se que é o próprio Diógenes que dá conta dessa particularidade (3.57).

¹⁶ Esquema traçado com base nos parágrafos 57-61 do Livro III. Sobre as várias irregularidades desta listagem, vide supra nn. 9-10.

Teeteto ou *Sobre o conhecimento* (peirástico)

Sofista ou *Sobre o ser* (lógico)

Político ou *Sobre a realeza* (lógico)

(3) *Parménides* ou *Sobre as Ideias* (lógico)

Filebo ou *Sobre o prazer* (ético)

Banquete ou *Sobre o Bem* (ético)

Fedro ou *Sobre o Amor* (ético)

(4) *Alcibiades* ou *Sobre a natureza do Homem* (maiêutico)

Alcibiades II ou *Sobre a prece* (maiêutico)

Híparco ou *Sobre a ganância* (ético)

Amantes ou *Sobre a filosofia* (ético)

(5) *Teages* ou *Sobre a filosofia* (ético)

Cármides ou *Sobre a moderação* (peirástico)

Laques ou *Sobre a coragem* (maiêutico)

Lísias ou *Sobre a amizade* (maiêutico)

(6) *Eutidemo* ou *Erístico* (refutativo)

Protágoras ou *Sofistas* (probatório)

Górgias ou *Sobre a retórica* (refutativo)

Ménon ou *Sobre a virtude* (peirástico)

(7) *Hípias Maior* ou *Sobre o Belo* (refutativo)

Hípias Menor ou *Sobre o erro* (refutativo)

Íon ou *Sobre a Ilíada* (peirástico)

Menéxeno ou *Epitáfio* (ético)

(8) *Clitofonte* ou *Protréptico* (ético)

República ou *Sobre o Justo* (político)

Timeu ou *Sobre a Natureza* (físico)

Crítias ou *Atlântico* (ético)

Minos ou *Sobre a lei* (político)

Leis ou *Sobre a legislação* (político)

Epínomis ou *Assembleia nocturna* ou *Filósofo* (político)

Cartas (éticas)

Segundo alguns autores, a distribuição tetralógica data da Academia Antiga e deverá ser atribuída a um dos sucessores de Platão na sua direcção. Wilamowitz-Moellendorff (1920 324-325) foi o primeiro a propor essa linha

de interpretação, defendendo que o uso de *elko* (“puxar/arrastar”) por Diógenes (3.61) sugere um certo desacordo ou desarranjo com uma ordenação também tetralógica mas estabelecida já no Helenismo¹⁷. O argumento é, como se torna evidente, muitíssimo fraco.

Erbse (1961 220) chega mesmo a sugerir que os primeiros discípulos apenas se limitaram a consolidar uma tendência já implícita nos diálogos. De facto, no *Sofista* (217a) é anunciada uma tetralogia formada por *Teeteto*, *Sofista*, *Político* e [*Filósofo*]; e do *Timeu* (19b-c, 27a) é possível deduzir uma outra composta por *República*, *Timeu*, *Crítias* e [*Hermócrates*]. Alguns autores sugerem que o *Fédon* seguiria a tríade *Êutifron*, *Apologia* e *Críton* (e.g. Chroust 1965 43 n. 3), mas, nos dois primeiros casos, nem o quarto diálogo foi alguma vez redigido, nem a associação com a *República* é transparente¹⁸; e no terceiro, não há indícios suficientes no texto do *Fédon* que sustentem tal leitura.

Note-se ainda, a título de curiosidade, a intuição de Brisson (1992 3710) sobre uma tendência pitagorizante desta forma de dividir o *corpus*: o total de 36 diálogos é o produto do total de tetralogias (nove) e do número de diálogos por tetralogia (quatro); ou seja, $9 \times 4 = 36$. Para um pitagórico, o número ‘9’ era perfeito por representar o quadrado de ‘3’, o primeiro número ímpar¹⁹. O número ‘4’ representaria a *tetraktys* (raiz perfeita de todas as coisas), soma dos primeiros quatro números inteiros; isto é, $1+2+3+4=10$. A proposta é interessante, mas puramente especulativa.

O problema é que o nome associado a esta tradição tetralógica, seja ela da Academia Antiga ou do tempo de Aristófanes, está a vários séculos de distância. Trata-se de Trasilos, uma figura de quem muito pouco se sabe; apenas que foi um erudito de formação platonista contratado por Tibério como astrólogo depois de o ter conhecido durante o exílio em Rodes (Suet. *Tib.* 14; Tac. *Ann.* 6.20-21; Them. *Or.* 5, 6, 8, 11, 15, 34)²⁰. Filosoficamente, seria um neopitagórico a avaliar pela natureza das obras que lhe estão associadas: segundo Porfírio, Longino atribuiu-lhe um estudo sobre os primeiros princípios do Pitagorismo e Platonismo (*Plot.* 20.68-76), o qual, defende Dillon (1996 185 n. 1, 342-344), pode corresponder a uma descrição do pitagorismo de Sexto Empírico (*M.* 10.261 sqq.); o mesmo Porfírio refere ainda um tratado

¹⁷ Este argumento será seguido por vários autores posteriores: Pasquali (1952 265) defende que não se tratava de uma criação deste gramático, antes de uma adaptação; Pfeiffer (1968 196) acrescenta que a reconversão do modelo tetralógico ao trilogico era característico da filologia alexandrina e não exclusivo de Aristófanes; Philip (1970 299 n. 6) limita-se a repetir a sugestão de Wilamowitz-Moellendorff.

¹⁸ Vide supra pp. 127-128.

¹⁹ À excepção, claro, do número ‘1’, cujo quadrado ou qualquer outro resultado em potência será sempre ‘1’.

²⁰ Brisson (1992 3709) e Dunn (1976 60) situam a sua morte alguns meses antes da do próprio Tibério; em 36, portanto.

sobre as notas musicais (*in Harm.* 266); Aquiles Tácio (*Intr. Arat.* 43.9, 46.30) e, mais tarde, Téon de Esmirna (47.18, 85.8, 87.8, 93.8, 205.6) citam por diversas vezes uma outra obra sobre os corpos celestes²¹. Note-se ainda que o próprio Diógenes lhe atribui uma divisão dos tratados de Demócrito também por tetralogias, como teria feito para Platão (9.45)²².

No entanto, tal como no caso do modelo trológico, as condições de atribuição de autoria são tudo menos claras; a começar pela natureza tetralógica da divisão. Segundo Diógenes (3.56), Trasilo defendia que Platão publicara os seus diálogos como os dramaturgos publicavam as tetralogias²³; daí que ele próprio apenas estivesse a seguir uma orientação suposta no texto platónico. No entanto, isto não significa que tenha sido o primeiro a fazê-lo; pois que são também apontados ‘alguns’ (3.61), que, como Trasilo, também dividiram o *corpus* deste modo. Resta, pois, saber se esses ‘alguns’ são anteriores ou posteriores.

Na verdade, não é possível perceber, através deste texto ou de qualquer outro, quem e de que época são exactamente esses autores anónimos; mas é seguro supor que pelo menos um deles será anterior a Trasilo. São duas as razões: em primeiro lugar, Varrão já designara o *Fédon* por “quarto diálogo”²⁴; em segundo, algumas referências que atribuem a Dercílides uma divisão desta natureza.

No caso de Varrão, não é absolutamente claro que se refira à primeira tetralogia que termina com o *Fédon*; contudo, pelo facto de não ser conhecida nenhuma outra divisão do *corpus* que não fosse trológica ou tetralógica, deduz-se, por exclusão de partes, que não poderá ser de outro modo. Em relação a Dercílides, personagem ainda mais misteriosa do que Trasilo, voltaremos a ela no parágrafo seguinte. Em todo o caso, cumpre apenas reter que tanto Varrão como Dercílides são anteriores a Trasilo, pelo que este não poderá ser o primeiro.

²¹ Para uma recolha exaustiva das evidências textuais sobre a vida e obra de Trasilo, vide McCoy 1977. Sobre a possibilidade de ter dado um contributo significativo para a Doutrina das Ideias, vide Dörrie 1981.

²² Além destes casos referidos, Trasilo é ainda citado por Diógenes como fonte biográfica de Platão (3.1 = *FGrH* 3.505) e doutrinária de Demócrito (9.38 = *FGrH* 3.504 = 68B0a DK), defensor da autenticidade do diálogo *Amantes* (9.38 = *FGrH* 3.504) e autor de uma obra cujo título seria apenas *Coisas (Tá)* (9.41 = *FGrH* 3.504).

²³ É curioso o paralelo que Diógenes estabelece entre a evolução da tragédia e da filosofia. Tal como Téspis usava só uma personagem, assim os ‘Pré-socráticos’ tratavam apenas da física; Ésquilo introduziu a segunda, e Sócrates acrescentou a ética; Sófocles inovou com a terceira, e Platão juntou a dialéctica. Muito provavelmente, esta divisão tripartida (física, ética e lógica) da filosofia, de inspiração estoíca, radicará nos manuais platónicos da Época Imperial, determinados pela proposta sincretista de Antíoco (vide Brisson 1992 3708-3709).

²⁴ É no *De lingua Latina* (7.37.2-4) para demonstrar a origem grega do vocábulo ‘Tartarum’: *Plato in IIII de fluminibus apud inferos quae sint in his unum Tartarum appellat: quare Tartari origo graeca*; corresponde à descrição das zonas subterrâneas nas secções 111c sqq. do *Fédon*.

Quanto às categorias de classificação dos diálogos, é praticamente certo que são muito anteriores a Trasilo²⁵. Como bem notaram alguns comentadores (e.g. Chroust 1965 42-43; Göransson 1995 80-81; Hoerber 1957 16), o facto de Diógenes as enunciar numa secção anterior à listagem dos diálogos e de não lhes atribuir qualquer autoria sugere que ele próprio as considerava anteriores (3.49-51); isto é, já estariam consolidadas pela tradição. Um dado importante, e que também aponta nesse sentido, é o facto de serem obtidas por diérese a partir do próprio conceito de ‘ diálogo’²⁶ (vide Imagem 1: Diérese dos caracteres).

Ora, sabendo que o método da diérese era característico da Academia Antiga e foi abandonado a partir de Arcesilau (nos finais do século IV a.C.), é bastante provável que as categorias sejam de origem académica (apud Chroust 1965 37 n. 1; Hoerber 1957 17-18; Philip 1970 302). De modo a explicar este lapso de quatro séculos, será necessário recorrer à *Eisagoge* de Albino, especialmente à referência a Dercílides com quem Trasilo partilha, segundo o autor, aquela organização dos diálogos (4)²⁷. Este autor, segundo atesta Simplício (*in Ph.* 9.247.30-32 Diels), supostamente reportando-se a Porfírio, Dercílides teria composto um tratado sobre o platonismo em 11 livros onde, numa discussão acerca do conceito de *hyle*, cita uma passagem de Hermodoro, um colega de Platão. Seria, então, esta a fonte de Trasilo e Dercílides, tanto do esquema das categorias, como até da própria organização por tetralogias? Creio que as várias camadas de citações não permitem muito mais do que, com grande benevolência, admitir esta leitura como hipótese remota. Uma leitura alternativa é a de Alline (1915 123; cf. Brisson 1992 3710), segundo o qual Dercílides teria participado na edição latina dos diálogos preparada por Ático, que, por intermédio de Cornélio Nepos, recebera essa sugestão de Varrão. Neste caso, Dercílides e também Trasilo ter-se-iam limitado a seguir tal modelo. No entanto, além de extremamente conjectural, esta proposta explicaria o problema apenas a partir de Varrão, não permitindo sequer supor como terá chegado a este autor.

No que respeita ao subtítulo, as dúvidas da sua atribuição a Trasilo não só se mantêm, como até se acentuam. É que existem inúmeras referências a

²⁵ Tanto quanto foi possível apurar, apenas Tarrant (1993 17-30) atribui toda a passagem de Diógenes (3.47-66) a Trasilo, a qual incluí nos seus fragmentos (*Testimonium* 22).

²⁶ A esta divisão devem acrescentar-se algumas variantes registadas por outros autores, todas elas em relação à primeira divisão: Quintiliano (2.15.26) atesta *δογματικός* e *ἐλεγκτικός*; Sexto Empírico (*P.* 1.221) regista apenas *γυμναστικός*, sem referir a segunda categoria; Proclo oscila entre duas divisões, uma dupla, outra tripla: *διδασκαλός/ζητητικός* (*in Alc.* 236.12-13 Westerink) e *ὀφρηγητικός/ζητητικός/μικτός* (*in R.* 1.15.21-22 Kroll).

²⁷ Além de Albino, também Téon de Esmirna cita Dercílides (*De utilitate mathematicae* 198.9-13 Hiller). De facto, segundo crê Dillon (1996 397), esta obra de Téon sobre os princípios matemáticos do platonismo (a única que restou deste autor) consiste numa compilação de postulados de Adrasto de Afrodísias, Trasilo e, se aceitarmos o pressuposto, Dercílides.

obras de vários autores próximos (ou mesmo contemporâneos) de Platão, que já contavam com subtítulos desta natureza e com a mesma estrutura sintáctica (*peri* com genitivo). O próprio Diógenes regista cerca de 300: os socráticos Críton (2.121), Símon (2.122-123) e Símiás (2.124); alguns sucessores de Platão na direcção da Academia, como Espeusipo (4.4-5) e Xenócrates (4.11-14); o próprio Aristóteles (5.22-27) e também alguns dos seus sucessores no Liceu, como Teofrasto (5.42-50) e Estratão (5.59-60). Além disso, há também registo de outros que designavam os diálogos platónicos justamente pelo segundo título: Calímaco refere-se ao *Fédon* por *Sobre a alma* (*Epigr.* 23.4); Aristóteles ao *Menéxeno* por *Epitáfio* (*Rh.* 3.14, 1415b31); e na própria *Carta XIII*, sendo de Platão ou não, aparece o *Fédon* como *Discurso sobre a alma* (363a7).

Que haverá, pois, a concluir de uma colecção de dados e factos tão fragmentária e parcial? Se quisermos manter salvaguardado um mínimo de rigor filológico, haverá muito pouco a dizer. Não é possível perceber de que modo chegou a Diógenes a organização tetralógica, incluindo as categorias teóricas e o duplo título, nem tão-pouco quem terá sido o seu autor. É certo que seria muito anterior, posto que o seu rasto, como vimos, segue até Varrão; mas esta certeza não só fixa os limites da investigação nessa época, como também impede a possibilidade de atribuir a autoria aos únicos dois nomes apontados pela tradição (Trasiló e Dercílides), já que ambos são posteriores a Varrão. Portanto, não é possível concluir nada de minimamente sustentável.

No entanto, se, ainda assim, quisermos arriscar mais uma conjectura igualmente instável e no âmbito da pura possibilidade, é admissível que Diógenes tenha tido acesso à mesma fonte que Albino. Se a *Eisagoge* consiste no registo escrito de uma conferência proferida por Gaio²⁸, é possível que esse conjunto de anotações tivesse circulado entre os eruditos como repositório de conteúdos sobre os aspectos formais do platonismo. As discrepâncias entre ambos, como por exemplo a omissão de Dercílides em Diógenes, dever-se-iam a duas ordens de razões: ou cada um adaptou o mesmo material de acordo com as suas próprias convicções pessoais; ou o registo dessa conferência tinha mais do que uma versão.

Em todo o caso, a questão mais determinante, pois que não se esgota em divagações puramente filológicas, é a de saber se a distribuição dos diálogos em tetralogias tem alguma implicação minimamente relevante para o estudo e interpretação das doutrinas neles expostas. A partir do que ficou exposto pode reconhecer-se nos antigos uma tendência em chegar a uma organização do *corpus* que de algum modo reflecta uma sistematização análoga do pensamento de Platão. Nalguns modernos crentes num platonismo mais dogmático, essa

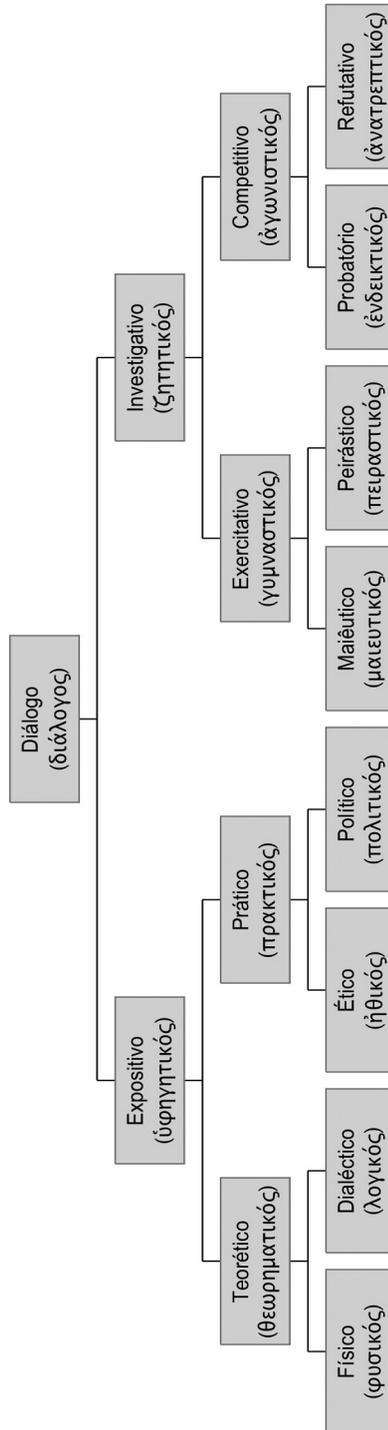
²⁸ Vide supra n. 8.

hipótese é retomada e reforçada. Por exemplo, Dunn (1976 60 sqq.) esforça-se por reconhecer na organização de Trasilo uma ordem de leitura não só intencional, como também **coerente**. No entanto, como acontece com qualquer tentativa de enclausurar Platão numa estrutura, seja ela formal ou doutrinária, resta sempre uma margem que invalida por completo a teoria geral.

Dunn (1976 68) considera que as últimas duas tetralogias constituem o grupo de diálogos políticos. Tendo em conta apenas este caso, há uma objecção tão óbvia quanto irresolúvel: a inclusão do *Timeu* (uma cosmologia) nesse grupo. A explicação é surpreendente: este diálogo serve de “cosmological background” (ibidem) ao conteúdo do *Crítias* (isto é, a narrativa sobre a Atlântida). Portanto, para aceitar o argumento de Dunn teremos que considerar toda a cosmologia platónica uma simples contextualização ou preâmbulo a uma história de que não conhecemos senão o princípio.

Dito isto, se quisermos manter um mínimo de racionalidade e verosimilhança na análise desta questão, não resta outra hipótese senão concluir que não só a atribuição da distribuição tetralógica a Trasilo, como também esta própria distribuição são puramente convencionais.

IMAGEM I: DIÉRESE DOS CARACTERES



BIBLIOGRAFIA

- H. Alline (1915), *Histoire du texte de Platon*. Paris, Édouard Champion.
- L. Brisson (1992), “Diogène Laërce, ‘Vies et doctrines des philosophes illustres’, Livre III: Structure et contenu” in W. Haase, ed. *ANRW*, II 36.5. Berlin/Nova Iorque, Walter de Gruyter 3619-3760.
- J. Burnet (1900-1907), *Platonis opera*, I-V. Oxford, Clarendon Press.
- A.-H. Chroust (1965), “The organization of the corpus Platonicum in antiquity”, *Hermes* 93.1 34-46.
- H. Diels — W. Kranz (1952), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin, Weidmann (repr. 2005).
- H. Dörrie (1981), “La manifestation du logos dans la création. Quelques remarques à propos d’une contribution du Platonicien Thrasyllus à la théorie des idées” in J. Trouillard, ed. *Néoplatonisme. Mélanges offerts à Jean Trouillard*. Fontenay-aux-Roses, ENS.
- (1990), *Der hellenistische Rahmen des kaiserzeitlichen Platonismus*. Stuttgart-Bad Cannstatt, Frommann-Holzboog.
- M. Dunn (1976), “Iamblichus, Thrasyllus, and the reading order of the Platonic dialogues” in R. B. Harris, ed. *The significance of Neoplatonism*. Norfolk (Virginia), Old Dominion University Research Foundation 59-81.
- H. Erbse — O. Stegmüller — H. Hunger et al. (1961), *Geschichte der Textüberlieferung der antiken und mittelalterlichen Literatur*, I. Zürich, Atlantis Verlag.
- T. Goransson (1995), *Albinus, Alcinous, Arius Diolymsus*. Göteborg, Acta Universitatis Gothoburgensis.
- R. G. Hoerber (1957), “Thrasyllus’ Platonic Canon and the Double Titles”, *Phronesis* 2.1 10-20.
- G. Jachmann (1942), *Der platontext*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.
- W. J. McCoy (1977), “Thrasyllus”, *American Journal of Philology* 98 264-289.
- G. Pasquali (1952), *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze, F. Le Monnier.
- R. Pfeiffer (1949), *Callimachus. Vol. I: Fragmenta*. Oxford, Clarendon Press.
- (1953), *Callimachus. Vol. II: Hymni et epigrammata*. Oxford, Clarendon Press.
- (1968), *History and classical scholarship from the beginnings to the end of the Hellenistic age*. Oxford, Clarendon Press.

- J. A. Philip (1970), "The Platonic corpus", *Phoenix* 24.4 296-308.
- G. Steffen (1876), *De canone qui dicitur Aristophanis et Aristarchi*. Lipsiae, Typis Reuschi.
- H. Tarrant (1993), *Thrasyllan platonism*. Ithaca NY/London, Cornell University Press.
- L. G. Westerink (1962), *Anonymous prolegomena to Platonic philosophy*. Amsterdam, North-Holland.
- U. V. Wilamowitz-Moellendorff (1920), *Platon. II: Beilagen und Texte-Kritik*. Berlin, Weidmannsche Buchhandlung.
- F. J. Witty (1958), "The Pinakes of Callimachus", *The Library Quarterly* 28.2 132-136.